

Considerações sobre o uso arqueológico de Cícero e das fontes literárias

Natália Ferreira de Campos

Na arqueologia histórica em geral e em especial na clássica, por muito tempo os textos clássicos foram considerados como fontes privilegiadas e usados de forma inquestionável para a interpretação das fontes arqueológicas. Elas funcionam aí como simples auxiliares das fontes textuais e seu significado seria dado através delas. Por outro lado, existe dentro da arqueologia um discurso que propõe ser a cultura material um documento que possui independência em relação às fontes escritas¹. Mais que isso, afirma mesmo a necessidade de tratar a cultura material dessa forma. Como coloca Hingley:

*Since the 1980s many ancient historians and classicists, have redefined their subjects in new and more dynamic terms, drawing upon post-modern theory. At the same time, archaeologists have responded to a changing world by developing various schools of “post-processual” and “interpretative archaeology” that adopt comparable approaches. These works have gradually eroded the idea of the single privileged reading of each individual text upon which such “historical” interpretations were based (...)*²

O presente artigo tem como ponto de partida e base teórica esse pressuposto. Tem como objetivo fazer algumas considerações sobre o uso e a influência de fontes documentais para o estudo e análise da cultura material. Em específico trabalhará com o papel exercido por Cícero nesses estudos. Para isso será utilizado o livro de Shelley Hales, *The Roman House and Social Identity*³.

Nesse livro, a autora quer entender como a *domus* servia de alicerce para a construção de uma identidade romana além de representar o ideal de *romanitas*. Diz que para isso se utilizará das fontes literárias, da arqueologia e da história da arte. É interessante notar como esses três pontos irão se relacionar no livro.

¹ Podemos citar como expoentes os arqueólogos Pedro Paulo Funari, Andres Zarankin e Richard Hingley.

² HINGLEY, Richard. *Globalizing Roman Culture*. Routledge, 2005. p. 4

³ HALES, Shelley. *The Roman House and Social Identity*. Cambridge University Press, 2003. A autora é professora de Arte Romana e Cultura Visual na Universidade de Bristol.

Primeiramente, a autora define o que ela entende por *domus*. Afirma que ela seria a representação visual de uma *família*, a prova de seu pertencimento à sociedade romana. Aliás, a questão que permeia todo o livro é a da construção da *romanitas*. Hales, logo de início, faz uma discussão sobre seu significado, principalmente através de fontes literárias e utilizando-se, sobretudo de Cícero para tal.

*(...)Architecture offered a whole cultural package, affecting both communication and action. Its visible construction offered the opportunity for rhetorical presentation, while its space provided the context for ritualistic practices. For Cicero, this was the link between locus and ethos, providing an environment that would promote a particular mode of behavior (...) A recognizably Roman house, that is a house whose appearance seemed to conform to rhetorical ideals of Romanitas and whose space made room for familiar ritual activity, was enough to guarantee the homeowner's acceptance as Roman.*⁴

Essa longa citação é um ótimo exemplo de como o texto literário influencia na compreensão e análise do material arqueológico. A *domus* é definida pela tradição retórica acerca dela mesma. O peso dessa tradição se mostra tão grande que é a partir dessa definição que as casas serão consideradas romanas ou não. É a proximidade ou distância em relação ao ideal retórico da *domus* que fica estabelecida sua “romanidade”. No entanto, mesmo essas “fontes literárias” acerca da *domus* se resumem a pouquíssimos autores, tendo como seu ponto central, como já dito antes, Cícero. É interessante notar que, segundo a autora, a aparência de conformidade da *domus* em relação ao seu modelo ideal garante ao seu “dono” aceitação como romano. No entanto o próprio Cícero sofreu questionamentos sobre seu estatuto de romano por ser um *nouus homus*⁵. Aliás, é importante pensar nessa relação entre a construção de um discurso sobre o que é romano a partir de Cícero e sua posição de *nouus homus* na sociedade romana. Ao mesmo tempo, a autora narra um acontecimento interessante relacionado a esse assunto. O ataque feito por Cícero à Clódio pelo seu envolvimento no escândalo da

⁴ HALES, Sheley. p. 19

⁵ O termo *nouus homo* de forma geral caracterizava alguém que, como Cícero, vinha das cidades próximas a Roma e cuja família pertencia à elite municipal.

*Bona Dea*⁶. Porém, Clódio, membro de uma prestigiada família patriciana não foi nem mesmo condenado por isso.

Após definir o que entende por *romanitas*, Hales parte para a análise das casas encontradas em Pompéia. Aí ela usa como metáfora dos seus habitantes e de suas construções a famosa personagem criada por Petrônio: Trimalquião. Para a autora, ele cria um simulacro de “romanidade” que, no entanto, só se realiza dentro de sua própria casa.

*Trimalchio's authority can only exist within this Roman house gone wrong, within the fantasies he creates through the visual world around him (...) Invisible in the real world, Trimalchio and his entourage can only exist within the inverted Rome they invent for themselves (...) Trimalchio's fantasy, however, is impotent beyond his front doors (...)*⁷

Como representante dos habitantes de Pompéia ou de localidades que se encontravam fora de Roma, novamente uma fonte literária serve de base para a análise da cultura material. Além disso, é problemática a forma como Hale trata o estabelecimento da identidade desses “romanos”, no caso, habitantes de Pompéia e da península itálica representados pela história de Trimalquião. Isso por que ela considera que eles não eram realmente “romanos” e mais que isso, não se enxergavam como tais. Apenas simulavam uma aparência de “romanidade” que beirava o teatral. A questão que não é abordada pela autora é a diferença existente entre os diversos habitantes da comunidade de Pompéia. Ela mesma admite:

*(...) Quite apart from the question of personal taste, the inhabitants were not all of the same status and origin. They would have included Pompeians, Roman veterans, freedmen, and immigrants who may well have harbored different domestic ideals (...)*⁸

Apesar da autora reconhecer a diversidade dessa comunidade, isso não se reflete na análise feita sobre o *domus*. Certamente os soldados veteranos instalados na cidade não se constituíam como romanos da mesma forma que os libertos. Entretanto, por

⁶ O caso ocorreu em 62 a.C. quando os ritos da *Bona Dea* se realizavam na casa de Júlio César, que era pontífice máximo. Clódio, vestido de mulher, se infiltra para supostamente encontrar-se com a esposa de César, Pompéia.

⁷ HALES, Shelley. pp. 142-143

⁸ HALES, Shelley. p. 100

integrarem uma categoria conjunta – a de não participantes da elite – são colocados no mesmo campo de análise, sem que haja uma problematização. Já no contexto das províncias, durante o período imperial, Hales novamente aponta:

*(...) The rhetoric of their decoration and the use of space within them built a convincing impression of their Romanitas. The citizens of Vasio could fantasise like true Romans (...)*⁹

A autora trabalha ao longo do livro um período que vai do século I a.C. ao III d.C., passando por quase trezentos anos de história e compreendendo grandes transformações dentro da sociedade romana. Porém, a definição/conceito de *romanitas* mantém-se igual para todas essas temporalidades. A definição dada no primeiro capítulo e grandemente baseada em Cícero, não é nunca contestada ou problematizada e impõem-se de maneira singular sobre todo o período tratado no livro. Hales reconhece a dificuldade em se fixar um significado para *romanitas*:

*(...) unfortunately a concise definition of Romanness cannot be found in Latin literature (...)*¹⁰

No entanto, essa afirmação não impede a autora de estabelecer uma definição que pode ser tida como concisa e de aplicá-la a toda sociedade romana. Pelo contrário, como aponta Funari:

*(...) Essa concepção pressupõe uma coerência ideológica dos grupos hegemônicos bem como uma compatibilidade social entre dominantes e subalternos: ao povo caberia, apenas, imitar, com imperfeições, aquela cultura (...)*¹¹

Afinal, mesmo que Hale não afirme categoricamente isso, tal concepção fica subjacente durante todo o texto. Nas análises feitas pela autora, são apresentadas várias questões interessantes, sobre a construção e a apropriação de elementos “romanos” através das províncias. Apesar disso, como foi dito antes, fica sempre o pressuposto de que a “verdadeira” *romanitas* é possuída apenas por um pequeno grupo de elite que detém a definição para si, enquanto o “resto” tenta emulá-los. A autora se detém muito

⁹ HALES, Shelley. p. 180

¹⁰ HALES, Shelley. p. 13

¹¹ FUNARI, Pedro Paulo. *A Vida Cotidiana na Roma Antiga*. Annablume. São Paulo, 2003. p. 22

sobre a batalha pela *romanitas*, mas em nenhum momento questiona-se sobre a batalha pelo seu significado.

Fica então colocada a necessidade de pensar a cultura material de forma independente das fontes literárias, não as ignorando mas apresentando novas possibilidades de análise e entendimento do passado. Uma arqueologia que não seja normativa, prescritiva, mas que permita enfim, o aparecimento de um passado múltiplo.

Bibliografia

FUNARI, Pedro Paulo. *A Vida Cotidiana na Roma Antiga*. Annablume. São Paulo, 2003.

HALES, Shelley. *The Roman House and Social Identity*. Cambridge University Press, 2003.

HINGLEY, Richard. *Globalizing Roman Culture*. Routledge, 2005.